

ENTREVISTA

INTERVIEW

CAMINHOS DA ANTROPOLOGIA DA RELIGIÃO NO NORDESTE: ENTREVISTA COM MUNDICARMO FERRETTI

PATHS OF THE ANTHROPOLOGY OF RELIGION IN NORTHEASTERN BRAZIL: AN INTERVIEW WITH MUNDICARMO FERRETTI

Martina Ahlert¹

Adson Luís Barros de Carvalho¹

Lior Zisman Zalis²

Conceição de Maria Teixeira Lima¹

Mundicarmo Ferretti^{1,3}

¹ Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil

² Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

³ Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil

Referência incontornável nos estudos sobre as religiões de matriz africana no Maranhão, Mundicarmo Ferretti conversou conosco sobre sua trajetória, a constituição das Ciências Sociais no Nordeste e as contribuições do seu trabalho de campo. Na entrevista fica evidente a influência que recebeu do pai, pesquisador autodidata do folclore e da cultura popular, e a parceria, intelectual e afetiva, com o também professor e pesquisador Sérgio Ferretti (falecido em 2018). A aproximação com a antropologia, consolidada com o ingresso na primeira turma de mestrado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tornou Mundicarmo etnógrafo dos terreiros maranhenses. Sua contribuição ao campo de estudos das religiões de matriz africana se deu de forma paralela à constituição das universidades públicas no Nordeste, se tornando fundamental no desenvolvimento de redes de pesquisa, na divulgação científica e no intercâmbio com antropólogos de outras regiões do país.

A entrevista que realizamos com a professora Mundicarmo aconteceu em 24 de março de 2023, em São Luís do Maranhão, no seu apartamento, espaço em que nos recebeu diversas vezes para conversas, orientações e trocas generosas sobre seus temas de trabalho. A entrevista, e todas as revisões realizadas por Mundicarmo, foram acompanhadas por sua irmã Júlia Maria Rocha, a quem também agradecemos.



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

Martina Ahlert, Adson Luís Barros de Carvalho, Lior Zisman Zalis e Conceição de Maria Teixeira Lima (Entrevistadores, EE): Professora Mundicarmo, nós gostaríamos de começar conhecendo sua trajetória pessoal.

Mundicarmo Ferretti (MF): Foi uma grande viagem para chegar até São Luís. Eu nasci no Rio Grande do Norte, minha família é de lá, meu pai, mãe, avó, bisavó. Fiquei no Nordeste, mas morei no Piauí, no Ceará e vim para cá (São Luís) com onze anos e meio. E aqui eu fiquei até terminar a graduação; eu era considerada maranhense. Aqui eu estudei o ginásio, o científico, a faculdade. Nesse período meu pai era vivo e ele teve uma influência grande nos meus interesses, depois desenvolvidos. Ele era da Comissão Piauiense de Folclore. No Rio Grande do Norte escreveu em revistas de folclore. E eu estava sempre peruando (observando); escutando e acompanhando. Embora não fosse “coisa de menina”. Só depois da faculdade eu peguei uma máquina fotográfica, um gravador. Eu sei que eu fui influenciada por ele, a cultura era a cultura popular maranhense, principalmente a religião. Nós éramos muito católicos, a família toda e ele, por causa do Projeto Rondon, acompanhava estudantes que queriam conhecer os diversos espaços maranhenses e levou-os, uma vez, para um terreiro. Ele me convidou, eu fui junto.

Tinha essa influência, meio tangencial, do meu pai. Mas, em casa, minha família tinha uma pretensão de formar boas donas de casa. Eu também tinha as coisas que eram consideradas femininas. Mas, eu divergi. Ao mesmo tempo que eu assumia umas coisas, divergia de outras. Eu tive uma atividade política também, que não foi muito intensa, por causa do golpe militar. No golpe eu era presidente do Diretório de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mas eu era caloura, era do primeiro ano. Tinha meus dezoito, dezenove anos, e tinha sido da Ação Católica. Nessa época eu fui presidente do Diretório porque a pessoa que estava na chefia tinha ido para União Nacional dos Estudantes (UNE). Eu assumi e comecei a campanha; foi acalorada e chamou muita atenção. A gente marcava uma apresentação de programas, aí vinha Bandeira Tribuzi¹, gente importante da política local, os intelectuais. Isso era o clima da época, antes do golpe.

Meu pai estava viajando e quando ele chegou eu estava no Diretório, em uma assembleia. Ele foi lá me buscar, chegou e disse: “General lá de casa sou eu, vamos para casa” – e eu saí. Com os colegas, tudo isso foi repetido na risada. Eu fiquei incomunicável, em casa. Presa em casa. De modo que eu tive uma carreira muito curta, interrompida abruptamente e muito ambígua, porque aí eu voltei para faculdade como aluna de filosofia, era monitora, mas, politicamente, o Diretório foi fechado, ficou muito tempo suspenso. Eu continuava num estilo muito mais tradicional. Tinha umas funções que davam uma certa liderança, mas não tinha uma projeção e nem um compromisso com grupos, partidos políticos e coisa parecida, porque eu sempre fui muito independente.

EE: Como foi sua chegada ao Maranhão?

MF: Meu pai, de fato, ele foi saindo devagar. Eu nasci na zona oeste (do Rio Grande do Norte), em Pau dos Ferros, uma cidade pequena; depois fomos para Mossoró. Depois de Mossoró fomos para Teresina. Depois de Teresina fomos para Fortaleza, depois de Fortaleza eu vim para cá. Em cada lugar iam os pais, tendo dois meninos. As quatro últimas filhas são maranhenses, os outros todos são de outras cidades do Nordeste. Então, aqui eu me considero mais maranhense, porque cheguei com onze anos. E eu não tinha contato mesmo com meus avós. Porque nós tínhamos saído muito cedo. Os meus avós paternos morreram cedo. Ouvi, anos depois, que essa minha avó era cigana, tinha uma história de uma cigana, minha bisavó paterna, no sertão do Rio Grande do Norte. Eu soube quando estava fazendo doutorado. Tinha um silêncio na família em torno dela e eu não sabia o que era. Havia um desconforto em torno da história dessa mulher. Diziam que ela era cigana, mas eles mesmos só falavam que ela era uma mulher muito forte, valente. Onde ela estava, ninguém se metia com ela. Era, nesse sentido, uma mulher de cangaceiro, na expressão genuína.

Minha família veio devagar, eles ficaram aqui em São Luís, mas mamãe sempre com desejo de voltar. Papai, nessa época, começou como comerciante, era empregado em lojas dos tios dele. Ele foi sócio de um cunhado e depois teve a própria firma. Então, em Pedreiras², ele começou a ter as máquinas para beneficiar o arroz, descascar, ensacar, exportar para o Sul – e parece que tinha uma parte para o exterior através do escritório de lá no Rio de Janeiro. Ele foi crescendo, conseguiu um certo patrimônio. Depois terminou perdendo, porque o comércio deu para trás, ele tinha dívidas com açucareiros de Pernambuco e tinha que pagar empréstimo do banco. Papai, nessa fase, vendeu a usina e, enfim, fez dinheiro. Foi para Natal, comprou uma casa. A família foi para lá. Eu fui e constatei que não tinha o curso que eu fazia e nem tinha um namorado – eu tinha, em São Luís, as duas coisas, eu estava interessada no curso de filosofia e no Ferretti, então eu fiquei mesmo aqui, fiquei mais solta.

EE: Você e o professor Ferretti se conheceram em São Luís?

MF: Foi na Semana Santa, em uma peça sobre a paixão de Cristo. Lá a gente se conheceu, tínhamos interesses em comum e também de estudos, líamos a Encíclica do Papa João XXIII. Ele não me dizia, era muito cheio de segredos, não dizia que tinha pedido uma bolsa para o exterior. E ele conseguiu a bolsa e foi para Bélgica. Porque, inclusive, as situações do Brasil estavam muito difíceis, em termos de emprego e de perseguição. Em pleno golpe militar de sessenta e quatro (1964) ele viajou. Ficou de meados de sessenta e quatro a meados de sessenta e seis (1966) na Bélgica. Foi um período dificílimo, eu continuei por aqui. Eu tinha interesse na pós-graduação também e os cursos estavam mais disponíveis. Eu dava aula de filosofia moderna e contemporânea e fui selecionada pela Fundação Getúlio Vargas para fazer um mestrado no Rio de Janeiro, logo depois

da graduação. Era um programa financiado pela Fundação Ford, para formar professores de escolas de administração. Aqui houve um interesse muito grande do estado, porque estava sendo criada a faculdade de administração que pretendia ser uma universidade – e se transformou, depois, na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Eu tinha interesse em fazer a pós e o Rio de Janeiro era um privilégio porque o Ferretti era de lá. De fato, fui para o Rio de Janeiro e escolhi a área de administração de pessoal, porque eu sempre tive interesse pela psicologia. Eu tinha o compromisso de voltar depois do curso e trabalhar o dobro do tempo que eu tinha ficado com a bolsa. Ferretti, que tinha trabalhado aqui, parecia estar bem interessado em voltar, mas quando estava na Europa começou a morder a corda. Não queria vir ao Maranhão. A gente queria se casar, ia morar no Rio porque ele não queria vir para cá. Então eu me casei e fiquei no Rio, na luta para conseguir emprego. Não tive muita facilidade.

A gente se casou no fim de sessenta e sete (1967). Ele trabalhava no Movimento de Educação de Base (MEB). Para mim, surgiu a oportunidade para eu dar aula em Campos de Goytacazes. Fui dar aula de psicologia para um curso de licenciatura. Para surpresa minha, ao chegar lá, eu era a professora do Rio. E no Rio, eu era maranhense. Havia um preconceito muito declarado em relação ao Nordeste. E o Ferretti tinha dois tipos de trabalho. Ele se orgulhava muito do Colégio Pedro Segundo, que ele tinha feito desde o primário. Da origem italiana dele também; conhecia a cultura mais erudita, as óperas, ia ao cinema de arte toda semana. Moral: o papai tinha ajudado a gente a comprar um apartamento, deu a entrada, lá no Rio. E a gente ficou com financiamento do Banco Nacional de Habitação (BNH). Apartamento pequeno, lá na Voluntários, Botafogo. Tudo muito bem, se não fosse eu não estar com nada. Eu tentava me adaptar. Saía com Ferretti, os amigos eram os dele. Mas, não tinha aquele passado, não conhecia as coisas e aí começavam a aparecer os atritos. Não sei por que ele resolveu voltar ao Maranhão. Eu vim com ele, o pessoal do governo daqui que ofereceu as oportunidades de trabalho; e ele resolveu ficar.

Ao voltar para cá, Ferretti teve muitos convites. Eu entrei na UEMA em sessenta e nove (1969) e aceitei uma disciplina na UFMA, como professora substituta. Durante dez anos eu fui mais da UEMA do que da UFMA. Tinha funções que eram da administração acadêmica, como criar o curso de administração, o projeto, organizar o currículo do curso, as normas de estágio, a estrutura departamental. Fui diretora de ensino, vice-diretora de ensino, coordenadora de curso, assessora de vários diretores, assessora pedagógica. Foi aí que eu virei antropóloga, porque eu podia apresentar um projeto de pesquisa que ficava com cinquenta por cento do meu tempo. O primeiro projeto era em torno das cantigas de caboclo, para estudar os valores que estavam sendo enfatizados ali – era antropologia e psicologia. O pessoal aprovava e eu ia fazendo, sem financiamento. Quase não se tinha congresso, era uma coisa muito diferente da realidade de hoje.

EE: Como era a estrutura universitária de São Luís naquele momento?

MF: Nessa época era pequena. Agora eu e Ferretti tínhamos uma postura diferente em relação a isso. Ele era pessimista. Porque ele tinha vindo da Faculdade Nacional de Filosofia, que tinha um status muito bom; o IFCS³. Depois ele era da escola de Belas Artes. Ele trabalhou com professores que faziam concursos e escreviam livros. Então era muito diferente. Eu sabia que nós tínhamos inferioridade. Mas eu achava que era superável; dependia de uma estratégia. Eu achava que deveríamos botar o pessoal para ir aos congressos, para ver os outros e se sacudir, ter vontade de fazer as coisas. E foi assim mesmo por um tempo. Por exemplo: publicação. Nos dez primeiros anos praticamente não tenho publicação, podem reparar. Eram uns relatórios, mas não publicações acadêmicas. O estado tinha um concurso literário anual, do Sioge⁴. Mas era para poesia, romance, teatro. Até que começaram a colocar pesquisa jornalística. Eu não sabia bem o que era isso, mas eu entrei com um livrinho, que era o meu trabalho de seleção do mestrado: “De segunda a domingo”, era sobre feiras e mercados.

EE: Você se referiu ao mestrado, depois de certo período em São Luís – onde nasceu André, seu filho – vocês foram ao Rio Grande do Norte para o mestrado. Como essa oportunidade surgiu para vocês?

MF: Por um colega da Bélgica, de Ferretti, e uma parenta minha também, foi coincidência. Ferretti, na Bélgica, morou num lugar que tinha uns vinte apartamentos com pesquisadores que estavam fazendo pós-graduação na Europa. Lá ele conheceu um casal de sociólogos do Rio Grande do Norte. Eles se tornaram amigos. Esse casal voltou para o Rio Grande do Norte e quando chegaram a Universidade tinha criado um curso de especialização, o primeiro de Ciências Sociais. Eles chamaram o Museu Nacional para coordenar o curso. Mandaram professores para os Estados Unidos para fazer doutorado; outros para a Europa. Esse pessoal começou a voltar. A coordenação saiu para recrutar alunos para o primeiro mestrado, voltado para o nordeste.

A seleção foi feita a partir de observações pessoais e de análise. Eu sei que davam vários temas: Educação indígena, Educação rural, Feiras e mercados. Eram dez temas. Eu olhei aqueles temas e pensei: eu posso concorrer em Feiras e Mercados. Porque eu andava com meu avô quando eu era criança, eu ia para o interior e ele ia para a feira e encontrava os clientes. Eu tinha uma visão dos meus olhos ali na feira. Depois tinha meu pai, que também gostava de mercado, ia todo dia ao Mercado Central⁵. Montei um esquema com minha cabeça de administração e fizemos um roteiro de observação no Mercado Central. Fiz uma série de entrevistas, mandei buscar recorte de jornal na Folha de S.Paulo sobre a luta de feirantes. Eu entrei, mas tive outra dificuldade, encontrar um orientador. Kabengele Munanga já era professor lá. Ele aceitou o Ferretti e eu fiquei sem, até que Kabengele disse: “Olha, eu posso aceitar como cultura brasileira, mas vamos mudar alguma coisa aí”. A cidade de Natal

estava na fase das casas de forró. Os estudantes de medicina tinham um grupo de chorinho e se ligaram com o pessoal de um clube de futebol que tinha uma área grande, onde fizeram uma casa de forró. A gente dançava todo fim de semana. Assistimos ao show não só de Luiz Gonzaga, como de todo mundo que aparecia por lá. A mudança do tema seguiu esse caminho, eu consegui fazer algumas entrevistas, com Luiz Gonzaga no camarim, chegando no hotel. Entrei em contato com a família de Zé Dantas em Pernambuco. Fui a Pernambuco, xeroquei uma porção de coisas, fiz mais entrevistas; o pessoal me mandava cassete com músicas que estavam esgotadas.

Assim eu fiz a dissertação sobre música de forró. Ferretti estava começando a pesquisa na Casa Fanti-Ashanti. Ele queria comparar um terreiro em ascensão, que era a casa Fanti-Ashanti, com um em declínio, que era a Casa das Minas⁶. A Casa das Minas não aceitou. Disse que não se pode servir a dois senhores. Aí ele teve que optar e foi para a Casa das Minas. Eu já estava começando a minha pesquisa quando ele me convidou para assistir um baião⁷ na casa de Pai Euclides. Eu disse: "Mas não existe. Baião não tem nada a ver com religião, nada". Ele disse: "Não, eles tocam sanfona. Em vez de tambor eles tocam sanfona". Eu estou aqui escrevendo minha dissertação e estou com um caderno já aqui prontinho: comecei o trabalho. Comecei a assistir. Fui trabalhando, fazendo a dissertação. Ferretti e eu defendemos no mesmo dia, também no doutorado. Só que a minha defesa foi a primeira. Foi no dia de São João! Não podia ser melhor para mim. Estava na banca o Carlos Brandão. Eu fui a primeira dissertação defendida no Programa.

EE: Foi então a primeira turma de mestrado em antropologia na UFRN?

MF: Sim, estava em alta. O Museu Nacional era o máximo. Eles já tinham levado os professores do Museu para fazer o curso de especialização e tinham formado especialistas em temas variados. Imagina o que era essa transformação para mim! Os professores que me marcaram mais foram Kabengele, que depois foi também da minha banca de doutorado; e Madelaine Richeport, que era uma americana, estudava religião e saúde, pajelança, práticas indígenas no norte dos Estados Unidos. A influência dela foi muito importante porque ela fez uma tarefa para todo mundo escolher uma religião que trabalhasse com saúde e que desse atendimento. E isso me ensinou a fazer trabalho de campo, caderno de campo. Ela acompanhava a gente em algumas das atividades. Eles tinham preocupação com o material e com a compra de livros. Havia sala para estudar. Nos filiamos à Associação Brasileira de Antropologia (ABA) antes de terminar o curso, eu era do Grupo de Música, na ABA, com Anthony Seeger, Rafael de José Menezes Bastos, José Jorge de Carvalho, Rita Segato. Eu não me considerava professora, pesquisadora de religião. Mas, eu estava acostumada desde criança a entrar nas coisas que eu não estava ainda preparada.

Nós conhecemos Kabê na seleção. Os professores, quando faziam perguntas para a gente, havia um ou outro que se interessava mais. A gente foi falar com ele e ele se encantou logo pelo sistema de Ferretti. Eu já estava embaladona com esse negócio do Luiz Gonzaga, porque vi a importância social, pois quando alguém vinha com um canjeirão (depósito) de leite para vender, vinha das fazendas, cantando música de Luiz Gonzaga. O papai tinha vitrola de disco de quarenta e cinco rotações, e eu conhecia aquelas músicas todas. Tinha visto Luiz Gonzaga, o pai de Luiz Gonzaga, o irmão do Luiz Gonzaga, dando show no Ceará. Comecei a frequentar as casas de forró. Às vezes, João do Vale passava por lá. Então, eu entrei com um projeto e Kabengele apoiou.

Finalmente a gente voltou ao Maranhão depois de dois anos. Eu tive algumas dificuldades, algumas discriminações. Eu teimei, continuei e terminei o curso. Tanto que eu não tenho quase nenhuma publicação sobre essa pesquisa. Tem a dissertação, que teve três ou quatro edições em Pernambuco, onde virou livro (1998). Escrevi ainda umas coisas mais tangenciais. Entrei com um projeto para justificar as vinte e quatro horas no Departamento, onde eu tinha voltado a trabalhar. Eu tinha feito um trabalho sobre sociedades indígenas, sobre o caboclo, que eu considerava indígena naquela época. Porque a literatura que eu conhecia dizia isso: que o caboclo era o ancestral indígena. Quando eu mandei para Funarte, disseram que não era antropologia, era arte, era música, mas aprovaram, financiaram com um pequeno recurso. E eu fiz aquele disco, Tambor de Mina Cura e Baião na Casa Fanti-Ashanti, com esse dinheiro da Funarte. Antes de terminar esse trabalho, apareceu o baião que me levou para o terreiro. Então, eu entrei no doutorado.

EE: O seu doutorado foi em São Paulo, na USP?

MF: Sim, eu fiz o curso de doutorado, terminei a tese, que depois publiquei como livro, o *Desceu na Guma*, sobre a figura do caboclo no tambor de mina. Ferretti e eu fizemos o doutorado juntos, mesma seleção. Mas a carreira de Ferretti foi um pouco diferente. Eles faziam muitos cursos de férias; Brandão e muitos outros davam curso para professores no período de férias. Ele fazia todos; metodologia, folclore. Mas tinha coisas que ele não me avisava. E para mim essa convivência era importante não só profissional como afetivamente. Profissionalmente não tinha ninguém que me ajudasse, como foi na seleção do mestrado. Mas eu procurava um espaço onde eu podia botar meu pé e entrava. E foi assim que aconteceu na USP. Ferretti entrou com Kabengele. A Liana Trindade, que estudava Exu, se interessou pelo meu trabalho. Durante a seleção era quem fazia perguntas e observações. Ela se tornou minha orientadora e logo que Kabengele folgou, entrou como coorientador.

Ferretti e eu fizemos o curso juntos, mas no campo eu tinha um tipo de relacionamento diferente. No começo, Pai Euclides, pai de santo da Casa Fanti-Ashanti, meu campo de pesquisa, me deu um gelo.

Ele saia com Ferretti, que era uma pessoa conhecida, prestigiada; e eu não era conhecida nessa área ainda. Mas eu fui entrando e, depois de muito tempo, ele começou uma linha de Oxum. Aí Ferretti chegou e disse: “Tu estás sabendo que tu és a única pessoa que entra com as mulheres na hora que elas estão se vestindo?”. Então ele viu que eu tinha uma aproximação que facilitava o trabalho. Eu usei alguma coisa da estratégia que ele estava usando. Ele marcava um dia toda semana para conversar com o Euclides, num determinado horário. Claro que não era uma coisa rígida, mas tinha aquela constância. Aí eu também fiz isso. Agora o trabalho era diferente porque, inclusive, eu questionava as coisas. Não era contestar, nem nada. Levantava interrogações. Comparava os dados de entrevista com as letras das músicas. Então isso me dava uma autonomia, uma presença maior nos meus trabalhos.

EE: Mesmo como casal trabalhando com o mesmo tema, é possível perceber que cada um de vocês vai seguindo um caminho próximo, mas distinto.

MF: Porque não era sobre o tema. Não era só a questão da erudição, um tinha aproximação com a cultura mais acadêmica e outro com a cultura mais popular, que isso é notório, tinha outras coisas miúdas que nos diferenciaram. Mas, a gente se deu bem em termos de colaboração. Eu comecei a fotografar as coisas dele; e Ferretti as minhas. A gente discutia as coisas, comentava. Só que eu não pude aproveitar as coisas, por mais que ele dissesse que estava franqueado o caderno de campo dele, era uma letra ilegível; eu acho que era malandragem mesmo. Não pude usar, eu larguei para lá. Agora, ele me levava no Anil⁸ e dormia no carro. Eu queria que ele me ajudasse. E ele não me avisava das coisas da Casa das Minas; eu estava interessada. Mas eu terminava aparecendo, eu tinha minhas redes e fui entrando. Também construí uma relação diferente na Casa das Minas; eu apareci como a mulher do professor. Até hoje eu sou a mulher do professor. Mas, me trouxeram uma cabaça; eu estava com um colete ortopédico e disseram: “Você vai ficar boa se você tocar essa cabaça aqui”. Eu passei a assumir o compromisso. Aí sempre, todo toque, eu estava lá, antes de começar o toque. Faz mais de vinte anos essa história.

EE: Alguém da sua família era de religião de matriz africana? Ou seja, você tinha proximidade com o campo também a partir de uma experiência pessoal?

MF: Não. Eu tenho dois tios padres, irmãos de mamãe. Várias primas freiras. E mamãe quis ser freira, papai era congregado mariano. Eu quis ser freira numa fase de ginásio também. Meu pai, na escolha da profissão, ele tentava ajudar. Aliás, ele tentou me ajudar em pequenas coisas. Por exemplo na leitura. Mamãe, naquela época da minha infância, dez anos, por exemplo, eu não a via lendo nem mesmo coisa da igreja, embora ela tivesse mais escolaridade do que ele. Ela tinha feito até a segunda metade

do ginásio no colégio na capital. E papai tinha estudado em bancos do interior com professores autodidatas. Quando a gente perguntava qual era a escolaridade dele, ele dizia: “Ah, bota aí: três anos primário”, mas ele era escritor e tinha uma série de interesses intelectuais. Naquele tempo, não dá para se entender!

EE: Mas, ele sempre teve um envolvimento com a cultura popular. E vocês, quando voltaram do doutorado, estabelecem um engajamento com o tema?

MF: Quando eu voltei para reassumir meu cargo na Universidade, o reitor da UEMA queria que eu ficasse em tempo integral lá. Mas, eu tinha mudado muito de vida. E me dediquei a coisas completamente diferentes do que eu fazia na UEMA, onde estava em cargos administrativos e dava aula secundariamente. Aqui em São Luís já havia um interesse de intelectuais sobre cultura popular antes disso, com Domingos Vieira Filho e, antes ainda, houve uma Fundação do Folclore. Havia ainda uma Comissão de Folclore que foi da Unesco, que levantou a questão do pós-guerra, da identidade nacional. Eu conhecia alguma coisa por causa do meu pai, nos anos cinquenta (1950), teve uma festa em Teresina, em comemoração ao centenário de fundação daquela cidade, quando eu morava lá. Eu tenho uma foto do Getúlio Vargas com indígenas na mesa. Nessa época meu pai sempre tinha amizades e gostava dessas coisas mais intelectuais; recebíamos em casa visita de indígenas. Ele fazia entrevista, publicava.

Quando a gente veio para cá, Ferretti já conhecia essas coisas todas, porque ele foi aluno de Darcy Ribeiro no Rio. Era a oportunidade que ele tinha de ver na realidade coisas que ele conhecia dos livros. A questão da religião afro foi essa. Ele leu primeiro Bastide quando estava na Europa fazendo um curso sobre encontro de civilizações. Falaram na Casa das Minas, ele veio para cá. Ele já conhecia o Maranhão, já tinha estado há um tempo aqui e foi trabalhar no Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Resolveram visitar os terreiros para pedir peças de contribuição para o Museu, peças das casas. E por aí ele foi entrando. Então ele foi convidado para o Departamento de Cultura na Universidade. No estado tinha uma Federação de Cultura, com o Domingos Vieira Filho, ele se aproximou de Ferretti e o convidou. Nessa época, tinha um grupo de jovens e resolveram reativar a Comissão. Convidaram mais algumas pessoas e aí passaram a fazer reuniões. Depois eles resolveram entrar numa linha com mais atividade, publicar; fizeram pesquisa com Dança do Lelê, o carimbó de velho de Rosário. E depois com o tambor de crioula. Nessa época eu conheci melhor a UFMA. Eu estava trabalhando lá e a Universidade estava crescendo, falando em federalização. O reitor chamou algumas pessoas do Ceará, de Fortaleza. Ele era ex-padre, a Universidade era católica. Foram eles que criaram os departamentos, as estruturas modernas, eles tiveram à

frente, na liderança. Ferretti e eu morávamos perto do aeroporto, num conjunto residencial do BNH, novo, sem muro – era uma concepção nova não ter muro – e esses professores se estabeleceram por ali, além de outros que a Universidade contratou, gente daqui.

Esse pessoal tinha muita coisa em comum, como o idealismo em fazer uma universidade forte. E onde eles se reuniam? Na nossa casa. Tinha uma sala com uma mesa e era o que se precisava naquela época; nós éramos todos vizinhos. Eram setenta e cinco casas nesse conjunto, nessa época. Tinha o reitor dando todo o apoio; assim como o pró-reitor. Eles promoviam os cursos de formação de professores no período de férias, trazendo gente de fora. Eu fiz vários. No estado também havia vários treinamentos; eu fiz vários cursos de iniciação à fotografia, com Edgar Rocha, o Murilo Santos, o Mobi. Se criou um Cineclube, houve um curso de cinema. Então havia um interesse por esses temas. Assim se reestruturou a Comissão e começaram alguns eventos, como exposições, mas, não tínhamos museus. Criou-se, assim, o Museu Histórico e Artístico do Maranhão, depois o Cafua das Mercês, o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho e a Casa de Nhozinho. A gente ajudava nas várias coisas e doava peças. Lá tem brinquedos do André, das Feiras de Caruaru, porque ele era criança. Colares meus. Porque precisava – estavam peladas as manequins – a gente colocava. Saiu um disco, surgiu o Boletim da Comissão⁹ para a divulgação da cultura maranhense, para o crescimento e a discussão dos grandes problemas do folclore, da integração cultural.

Para a Universidade passou a ser importante também, porque a gente criou o Centro de Pesquisa em noventa e dois (1992) e não tinha como escoar a produção. Eu achava que a gente tinha que aproveitar todos os espaços. Eu publiquei três livros no concurso no Sioge. O disco foi de um concurso do estado e tem um livro, acho que é *Terra de Caboclo* (1994), que foi de concurso; tem um da UEMA e tem um da UFMA. *Desceu na Guma* (2000), uma segunda edição. Isso não tinha nada a ver com as matérias que eu estava dando aula e com os trabalhos. O interesse era todo meu, mas eu tinha que esperar terminar o ano letivo para a coisa dar uma avançada. E às vezes não dava tempo.

Ferretti e eu levamos muito a sério o interesse pela área de religião afro. Quando nós começamos a nossa pesquisa tinha muita gente trabalhando com o tema das religiões afro, depois houve uma espécie de cansaço, o pessoal foi mudando para outras áreas. A gente resolveu que um ano nós íamos para ABA e no outro íamos para a Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM). E a gente sempre produzindo e organizando o grupo de estudos de religião, o GPMina¹⁰. Quando se marcava a reunião, muita gente já começava a escrever: “Onde é que vai ser? Nós vamos! Vai ter!” Isso sustentou muito tempo. Sobre o tema pajelança, que era um dos temas que eu tinha que escrever um livro, levantamos muita coisa. A discussão

do século XIX, as coisas no interior do Maranhão e a relação com a mina. E nós teríamos a possibilidade de integrar o pessoal do Pará – porque nessa hora o Maranhão não é Nordeste, nessa hora o Maranhão é Norte. Então, nós tínhamos que fazer. A gente tinha consciência das dificuldades, das lacunas, mas a gente metia a cara.

EE: Vocês acabaram se tornando uma referência dos estudos de religião de matriz africana no Maranhão, mas também um contato importante na construção das Ciências Sociais no estado. Como foi esse processo?

MF: Recebemos muita gente em casa, mas essa história tem dois lados. Meu pai gostava de receber pessoas, os comerciantes, os amigos dele, lá em casa. Para ele, isso era um prazer; era um costume nordestino e, principalmente o padre, o prefeito, esses coronéis, muitos deles também tinham essa função de hospedagem. Lampião também. Então, papai gostava, era uma das coisas com que se sentia bem. E aqui a gente herdou. A casa está sempre cheia. A gente tinha esse interesse; Ferretti tinha muita vontade de ter isso também e dizia que não tinha apoio da família. Lá em casa, eu levava pessoas para casa porque tinha engajamento com movimento estudantil; eu levava esses padres, esse pessoal que vinha para os congressos. As minhas irmãs e os meninos eram a turma da brincadeira, então lá em casa todo tempo tinha gente olhando nas panelas o que tinha para almoçar. Então, já existia essa coisa; as casas não eram fechadas. Eu gostei daquela casa que não tinha muro. A janela era baixa para uma casa, não era aquela janela para ninguém ver.

EE: E você passou a receber em casa, além dos alunos, pesquisadores de outras regiões do Brasil?

MF: De todas, porque no tempo em que Ferretti foi Diretor de Pesquisa, eles não tinham dinheiro para passagem, para hospedagem. Quem dormiu aqui conhece essa caminha de criança, com aquela gradezinha, com um colchãozinho de espuma de três centímetros. Era de André. Já era um luxo ter um quarto para ele. Ali dormiu José Jorge de Carvalho, Kabengele Munanga, Eunice Durham, muita gente. Pois era uma forma de você conseguir trazer alguém sem gastar com alimentação ou transporte. Costumava-se fazer uma vaquinha e dar um presente, um artesanato local. Era tudo na base do idealismo. Para a gente foi muito importante. Você imagina a oportunidade de você estar com um especialista para você discutir nem que fosse uma ou duas coisinhas da sua pesquisa, mas com uma pessoa que dá uma contribuição e está te dando atenção porque está ali. Nos congressos também, na hora do almoço, numa conversa, porque ali não é só a parte mais acadêmica, que é assistir as palestras, analisar os textos e reagir. Tinham colegas, nossos mestres, a gente ficava bestificado com como é que eles tinham a capacidade intelectual de acompanhar tanta coisa e de dizer coisas importantes e pertinentes.

EE: Nós gostaríamos de voltar às religiões afro-brasileiras. Com o seu doutorado na USP, sua carreira se estabeleceu no tema das religiões afro-brasileiras ou de matriz africana aqui no Maranhão, especialmente o tambor de mina. Mas, houve também trabalhos sobre a pajelança (2012) e sobre o terecô (2001). Você poderia falar dessa abordagem múltipla no seu trabalho?

MF: Bom, a gente sentiu a necessidade muito grande de escrever porque quando chegamos em São Paulo e começamos a apresentar os trabalhos nos congressos, algumas vezes fomos interpelados como não tendo visto as coisas direito, como sendo superficial; a diferença não era muito aceita. O próprio Bastide, às vezes, escrevendo sobre o Norte – no esforço de mostrar que o Norte tinha valor como o Nordeste, a Bahia – retirou umas coisas que eram características do local para aproximar do modelo que ele conhecia. Não era isso o que a gente queria fazer. Nós queríamos mostrar que nós tínhamos encontrado outras coisas que eram valorizadas pela sociedade local e pelo entorno, e que mereciam ser divulgadas e reconhecidas. Então, a gente escreveu, apresentou e publicou. Eu publiquei mais do que Ferretti, por causa do Boletim, e tinha, em todo congresso, trabalhos pequenos. Porque eu tenho um interesse mais múltiplo e ele estava muito ligado à Casa das Minas, ao africano, ao jeje, ao catolicismo, ao sincretismo. Já faz um bom tempo, eu precisava de alguma coisa, entrei na internet e coloquei meu nome. E fiquei muito interessada com a quantidade de coisa que aparecia. Às vezes com comentários mesmo não da academia, mas de pessoas que eu nem sabia quem eram. Achei que era muito interessante saber como é que está sendo sentido o que você falou e o que está se dizendo. Inclusive, se revisar, corrigir tudo. É bom para a gente saber como está sendo visto e sentido.

Euclides, quando dava entrevista, ele dizia para mim: “Poxa, nunca pensei que fosse aparecer um pesquisador que se interessasse por caboclo. Você precisava ter surgido no tempo de mãe Anastácia. Mas, infelizmente, eu não me interesso tanto por caboclo”. Ele disse isso mais de uma vez para mim. Quando eu comecei as entrevistas com ele, eu notava que ele gostava de ser entrevistado e ia se reformulando. Eu não tinha nada para ensinar para ele, mas eu tinha para perguntar. Quando comecei a perguntar sobre o caboclo, ele respondia: “E não sei quem é o caboclo?”. Caboclo passou a ter importância. E o pessoal sabe perfeitamente, porque eles passaram inúmeras vezes e continuam passando por situações que remetem à inconsistência, incoerência, por dúvida. É uma cultura que aceita o inexplicável, o mistério. Nós estamos aqui querendo explicar tudo. Deixar tudo às claras. Dar uma palavra final de tudo. Eu acho que estamos errados.

EE: Quando a gente lê os seus trabalhos, percebemos que alguns são etnográficos (2000; 2001), outros tem abordagem histórica (2004; 2015). Temos interesse em saber sobre a escolha dessas duas ênfases.

MF: Isso depende das oportunidades. Eu não sou da área de História. Ferretti é que foi formado em História, mas eu entrei em um campo em que o interesse pelas origens era muito forte. O começo das coisas, a fundação dos terreiros, eram temas frequentes. Estavam na literatura e na fala dos pais de santo. Depois do Movimento Negro entrar, houve também a questão do terreiro de raiz e dos que são de livro. As categorias eram “terreiro de livro” e “terreiro de tradição”. Dona Lúcia, da Casa de Nagô¹¹, falava muito disso. O outro aspecto é, às vezes, existe troca entre os próprios pesquisadores. Eu estava em São Paulo no doutorado, minha orientadora estudava Exu na umbanda, Liana Trindade. Eles tinham uma pesquisa com estudantes, uma pesquisa histórica, com Lísias Negrão. Eu me aproximei. Ela disse que os meninos copiaram, transcreveram matérias que não queriam. Eles queriam a história da umbanda em São Paulo, o pessoal anotou umas coisas que eram da mina do Maranhão e do Jeje do Rio de Janeiro. E ela disse que não sabia o que fazer. Eles perguntaram “Você não quer?”. Eu achei muito interessante, era o caso da Amelia Rosa¹². Eu também não trabalhava com isso. Mas, sabia que o material era interessante. Guardei. Posteriormente, com o olhar com lupa à literatura, eu encontrei uns relatos de discriminação de terreiro, de religião – e encaixei. Teve ainda uma história com Flávio Gomes. Ele estava pesquisando e nos disse que precisava da ajuda de alguém no Maranhão, para copiar um material. Eu falei com o Jacira Pavão, que era de História e do meu grupo de estudos. Ela foi para o Arquivo, transcreveu o material. Então, às vezes, era uma coisa que tinha a ver com outra pessoa. Eu, em geral, coloco essa na conta da historinha da origem do interesse por aquele tema, porque mostra o que estava em torno. E assim vai.

EE: O interesse pelo terecô¹³ veio de onde?

MF: O terecô, a palavra Codó, existe para mim desde que Júlia [irmã mais nova] era criança, quando a vizinha na rua do Passeio – uma pessoa que era uma espécie de governanta na casa da vizinha, dona Maria – tinha uma filha e Júlia brincava com ela. A dona Maria cantava umas músicas que Júlia gostou muito e começou a cantar. Não sei como mamãe sabia que isso era coisa de terreiro, porque a família negava toda e qualquer ligação com o tema. “Eu dei um balanço no mar, dei um balanço no mar” e tinha outra, “Meu pai é de Codó, eu sou codoense” – enfim, Júlia cantava. Mamãe dizia: “Menina, para com isso, é proibido pela igreja” – Eu achava que Codó era importante. Depois, meu pai foi naquela história do projeto Rondon – e estavam cantando nessa noite sobre Codó. “Aê codó, aê codó”. Então Codó ficou na cabeça. Euclides falava muito em Codó nas entrevistas. Então, ‘bora’ para Codó! Vamos visitar Codó, porque eu vi que era uma coisa importante. Quando a gente marcou uma viagem, eu e o

Ferretti fomos, era uma colega nossa que estava no Setor de Extensão da Universidade e tinha o Campus Sete (em Codó) que já estava lá, com uma casa. Ela disse: “Eu dou uma carta, o Campus Sete hospeda vocês e não vão se preocupar com essa parte”. Nós fomos com tudo combinado com Euclides, mas ele não foi conosco. Aí Kabeca estava por perto e disse: “Em Codó, procure por dona Antoninha¹⁴. Eu anotei. Assim fizemos e assim fomos recebidos. Chegou outra vez que eu fui com uma etnomusicóloga e uma linguista. Para fazer uma observação, para montar um projeto para a gente fazer um estudo mais aprofundado sobre Codó. Não deu. Mas tem coisa que dá. Você vai entrando.

EE: Como você vê o futuro dos estudos das religiões de matriz africana aqui no Maranhão?

MF: Estou achando que seria um momento de revitalização, de retomada. Mas, estou vendo uma grande dificuldade. Não sei como é que as coisas vão. Pela primeira vez eu estou falando com pessimismo. Porque aqui, Ferretti era pessimista, ele falava em declínio, essas palavras. Eu via mudanças. Mas, o problema é o seguinte: os terreiros perderam as pessoas vivas, perderam. E juntar outras que estavam fora, espalhadas pelo mundo, não é fácil. Mil coisas, inclusive pelas inimizades, os ressentimentos de alguma coisa que aconteceu no passado. Então, morrem pais de santo e pessoas competentes que conheciam a história. Morrem os pesquisadores também. E não deixaram tudo escrito.

Então, eu acho que espaço tem, o interesse é grande. Você chega, os terreiros estão cheios, crescendo. Eu acho que os pais de santo são muito interessantes, muitos deles. Cada vez que eu me aproximo de um, eu valorizo mais ainda. Mas, as pessoas morrem. Então, de vez em quando, acontece de uma pessoa antiga falecer e ela é insubstituível, não é? Por exemplo, a história da Casa das Minas, a gente precisa recontar a história. A partir dos episódios que aconteceram, vivendo como a coisa aconteceu. Como é que as saídas estão sendo encontradas. Eu acho que os falecimentos e as transformações aconteceram outras vezes na história desses terreiros antigos. A morte de um grande pai de santo desestrutura bastante. Muito. Eu vi na Casa Branca, na Bahia, até aparecer alguém que consegue retomar ou quando é uma força espiritual que vem e coloca a pessoa no lugar certo. Olha, a gente chegou na Casa Branca, a mãe de santo tinha dito que ela era comerciante quando morreu a mãe da casa. Eles jogaram búzios. O jogo a apontou como a sucessora e ela não estava preparada para abandonar a atividade profissional dela e entrar, de cabeça, no terreiro. E terminou ficando. Na Casa de Nagô também, eu vi com bons olhos, todos muito interessados no futuro.

REFERÊNCIAS

FERRETTI, Mundicarmo. **Terra de caboclo**. São Luís: SECMA, 1994.

FERRETTI, Mundicarmo. **Baião dos dois**: a música de Zé Dantas e Luiz Gonzaga. Recife: Editora Fundação Joaquim Nabuco, 1988.

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma**: o caboclo do Tambor de Mina em um terreiro de São Luís – a Casa Fanti-Ashanti. 2. ed. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de Barba Soeira**: Codó, capital da magia negra? São Paulo: Siciliano, 2001.

FERRETTI, Mundicarmo. **Pajelança do Maranhão no Século XIX**: o processo de Amélia Rosa – Mundicarmo Ferretti. São Luís: CMF/FAPEMA, 2004.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Querebentã de Zomadonu**: etnografia da Casa das Minas do Maranhão. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FERRETTI, Mundicarmo. Pajelança e cultos afrobrasileiros em terreiros maranhenses. **Revista Pós Ciências Sociais - RePOCS**, v. 8, n. 16, 2012.

FERRETTI, Mundicarmo. **Um caso de polícia!** Pajelança e Religiões Afro-brasileiras no Maranhão: 1876 – 1977. São Luís: EDUFMA, 2015.

NOTAS

1 Bandeira Tribuzi (1927-1977) foi um importante poeta, precursor do modernismo no Maranhão.

2 Município da região leste maranhense.

3 O Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro..

4 Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado do Maranhão..

5 Mercado popular localizado no Centro Histórico de São Luís, inaugurado em 1941.

6 A Casa Fanti-Ashanti é um terreiro de mina e de candomblé hoje chefiado por Mãe Kabeca, herdeira do posto de Pai Euclides, que fundou o espaço em 1954. A Casa das Minas é um terreiro de mina jeje, um dos mais antigos de São Luís, fundado, provavelmente, no início do século XIX.

7 O Baião de Princesas é um ritual que acontece em determinadas casas do tambor de mina, no caso, a professora se refere àquele realizado na Casa Fanti-Ashanti.

8 Bairro no qual se localiza a Casa Fanti-Ashanti, contexto do trabalho de campo de doutorado da professora..

9 Para ver o Boletim da Comissão Maranhense de Folclore: <https://www.cmfolclore.ufma.br/index.php/paginas-a/>.

10 Fundado em 1992.

11 Dona Lúcia foi mãe de santo da Casa de Nagô, faleceu em 2008. A Casa de Nagô é um terreiro de mina nagô provavelmente fundado nos últimos anos do século XVIII.

12 A pesquisa sobre o caso de Amélia Rosa se transformou em livro (ver Ferretti, 2004).

13 Perguntamos especificamente sobre... (anonimizado – informação retirada para não identificação)..

14 Mãe de santo do terecô de Codó, falecida em 1997.

Martina Ahlert

martina.ahlert@ufma.br

Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5735-5441>

Adson Luís Barros de Carvalho

adsoncarvalho99@gmail.com

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9682-3375>

Lior Zisman Zalis

liorzzalis@gmail.com

Doutorando em Sociologia pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1980-8627>

Conceição Lima

cittalima@yahoo.com.br

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1826-3963>

Mundicarmo Ferretti

mundicarmorf@gmail.com

Professora Emérita e Titular aposentada da Universidade Estadual do Maranhão. Professora aposentada e Colaboradora da Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. Mestre em Ciências Sociais (Antropologia) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Doutora em Ciências (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo.